

HUMOR É ARMA: uma construção cognitivo-discursiva da comunicação política ucraniana

José Mauro Ferreira Pinheiro¹

RESUMO

As plataformas digitais e seus produtos contemporâneos, como os memes, tornaram-se ferramentas de comunicação de uso generalizado. Quando eles passam a ser usados por um governo em guerra, isso pode afetar a percepção de sua seriedade. O objetivo desse artigo é analisar as categorizações recrutadas pelo governo ucraniano para conceptualizar sua campanha comunicativa, assim como outros sistemas conceptuais aí encontrados. Fundamentam, assim, esta pesquisa a perspectiva sociocognitiva da linguagem e o arcabouço da Análise Crítica do Discurso. Os resultados apontam para o uso sistemático da metáfora humor é arma pelo Governo, de modo a fabricar discursivo-ideologicamente uma fala oficial moralmente engajada com o bem-estar do seu povo.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Crítica do Discurso; meme; discurso político; humor; moralidade.

ABSTRACT

The digital platforms and their contemporary products, such as memes, have become generalized communication tools. When they start being used by a government facing a war, it can affect the perception of its seriousness. The objective of this article is to

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Estudos de Língua (Linguística)

analyze the categorizations employed by the Ukrainian government to conceptualize its campaign, just like other conceptual systems found in it. This research has as its theoretical foundation the socio-cognitive perspective of language, as well as the principles from Critical Discourse Analysis. The results indicate a systematic use of the metaphor humor is weapon by the Government, so as to discursively and ideologically produce an official statement that is morally engaged with the well-being of its population.

KEYWORDS: Critical Discourse Analysis; meme; political propaganda; humor; morality

INTRODUÇÃO

As plataformas digitais têm se tornado gradativamente uma das formas de comunicação mais ubíquas do tempo presente. Tal afirmação é verificável não só pelo tipo de mensagens aí trocadas, como também pelos objetivos que orientam essas trocas comunicativas. Como um exemplo importante desse fato, pode-se citar o conjunto de postagens realizadas pelo governo ucraniano no Twitter² quando da invasão da Rússia a esse país, em fevereiro de 2022. Uma investigação da conta oficial da Ucrânia nessa plataforma (a saber, @Ukraine²) demonstra que, na verdade, tal comunicação via tuíte já vinha sendo realizada bem antes da situação de conflito que o país enfrenta. Ela se tornou uma maneira costumaz pela qual o governo ucraniano estabelece contatos formais com os usuários dessa rede.

Dentre as publicações que mais renderam engajamento à @Ukraine, figura uma imagem postada em 24/02/2022 (Figura 1). em que se observa o presidente russo (Vladimir Putin) à direita recebendo um carinho no rosto de um outro político localizado à esquerda, que na caricatura parece bem maior que Putin. A figura política em destaque é Adolf Hitler (bigode e farda militar) e pelo gesto de afeto a Putin, parece conceder a ele suporte e aprovação. Em geral, entende-se meme de Internet como uma mídia digital (texto, imagem, vídeo etc) que alcança popularidade entre usuários e que em geral passa a ser repassada massivamente. Todavia, apesar de essa imagem ter alcançado bastantes compartilhamentos e ser observável numa plataforma digital, um comentário feito por @Ukraine no mesmo dia dizia:

² Nesse caso, a postagem foi feita em forma de *thread* (do inglês “corrente”), ou seja, a explicação da imagem foi dada por meio de uma nova publicação, indexada à principal. No *Twitter*, esse tipo de corrente é comum, devido ao limite de caracteres imposto pelo site. Nos *threads*, em geral, cria-se um espaço de discussão e debate, característicos da plataforma.

“This is not a ‘meme’, but our and your reality now” (“Isso não é um ‘meme’, mas nossa e sua realidade agora”)³.



Figura 1: Postagens de @Ukraine em fevereiro de 2022.

A aparente contradição evoca questões já muito debatidas pela filosofia e áreas afins que se interessam pela significação na linguagem. Por exemplo, em Crátilo (PLATÃO, 2001), Sócrates intermedeia uma discussão travada por Hermógenes e Crátilo sobre a relação entre os objetos do mundo, os nomes a eles designados e a justeza dessa indexação. Para Crátilo (visão naturalista), cada coisa tem seu nome por natureza, um sentido certo, incólume, constante. Já para Hermógenes (visão convencionalista), o nome que designa algo se fixa ali meramente por hábito, repetição e convenção. Através de seu método dialético, Sócrates conclui em um determinado ponto que o nome consiste num instrumento separador (categorizador) das coisas e, como tal, caberia a um artífice competente lidar com essa tarefa de separação (categorização). Destarte, ele diz a Hermógenes, “nem todos os homens têm capacidade para impor nomes, mas apenas o fazedor de nomes, e esse, ao que tudo indica, é o legislador, de todos os artistas o mais raro” (cf. PLATÃO, 2001: 153).

Ora, no caso do termo meme quem deveria ser esse legislador, a definir com critério do que se trata aquela publicação? O governo ucraniano que propõe a negação da nomeada, mesmo dando todos os sinais

³ Nesse caso, a postagem foi feita em forma de *thread* (do inglês “corrente”), ou seja, a explicação da imagem foi dada por meio de uma nova publicação, indexada à principal. No *Twitter*, esse tipo de corrente é comum, devido ao limite de caracteres imposto pelo site. Nos *threads*, em geral, cria-se um espaço de discussão e debate, característicos da plataforma.

performáticos de que aquilo se trata de um meme, ou os usuários da rede, prontamente acostumados a lidar com aquele objeto como um meme?

Por um lado, apostar que as coisas têm um nome natural significa afirmar também que elas têm uma espécie de essência e que a relação nome-objeto é dada. Portanto, trata-se de um processo imexível e indebatível. Sobre isso, já se manifestaram diversos linguistas aplicados (JANICKI, 2006; MOITA LOPES, 2008; PENNYCOOK, 2008): o essencialismo como paradigma teórico não tem muito a contribuir para as inteligibilidades contemporâneas porque ele traz uma carga axiológica muito densa para os objetos que busca definir, como se as categorias todas (“mulher”, “comunicação”, “justiça”, “raça”) fossem estanques e altamente discerníveis, quando de fato são dinâmicas e apresentam importante radialidade. Como afirma Lakoff (1987: 91) em *Women, fire, and dangerous things*, as categorias são estruturadas radialmente em relação a um número de suas subcategorias: a subcategoria central é definida por uma série de modelos cognitivos convergentes e as subcategorias estendidas/radiais são variantes daquela central. Embora as categorias radiais derivem da central, cada uma delas estabelece relações específicas com o modelo central. Assim, de acordo com esse princípio, existe um modelo central que constitui a categoria meme, mas também variantes de meme que se constituem por diferentes vieses (político, humorístico, informativo) a partir e em relação a ele.

Por outro lado, não se pode negar que a convencionalidade desempenha um papel importante na nomeação dos referentes. Como afirma Miranda (2016: 61), o significante (ou a forma linguística), sacralizado pelo uso corriqueiro, é antes uma “pista suscitadora das tarefas semântico-cognitivo-sociais da linguagem”. Não se trata aqui de conceber a relação linguagem-realidade como objetiva, direta e verídica, como propõe uma semântica mais formalista, com suas condições de verificação. Nem substituir esse binômio estrito por linguagem-pensamento, como quiseram as primeiras ondas cognitivistas (em especial, o gerativismo de Chomsky), porque o que essa segunda visão sublinha é a possibilidade de a significação, portanto a linguagem, ser produzida no vácuo. É como se a linguagem pertencesse à mente humana e ali habitasse sem qualquer interface com os elementos que compõem a vida sociofísica e cultural do usuário da língua/conceitualizador.

Uma terceira alternativa, que será adotada neste estudo, entende que nossas “habilidades cognitivas gerais (cinésicas, visuais, sensoriomotoras) e nossas estratégias de categorização por protótipo se conjugam com aspectos culturais, contextuais e funcionais para dar às línguas um design que emerge no uso” (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987 apud SALIÉS, 2020). Em outras

palavras, não existe um contexto nulo, totalmente “despressurizado”, no qual um significado primeiro das palavras pode emergir. O significado (e a linguagem) são produzidos na e por meio da interação; seu caráter literal, como mencionado acima, é apenas um contexto possível (talvez o mais canônico) da significação.

Tal paradigma, chamado de sociocognitivo, conjuga a um só tempo as duas noções inscritas nessa palavra. Em primeiro lugar, existe a ideia de que linguagem e pensamento são instâncias indissociáveis, embora não haja um elo primário entre elas (VIGOTSKI, 1999: 149). Sobre isso, a Linguística Cognitiva já muito se debruçou, por exemplo, ao estudar os efeitos de figura e fundo, processos basicamente conceptuais que apresentam materialização linguística clara. Por exemplo, ao descrever um gato sentado numa cadeira, é muito mais provável que alguém diga O gato está em cima da cadeira do que A cadeira está embaixo do gato, já que tendemos a imprimir mais saliência cognitiva e a focalizar mais os seres animados do que a seres inanimados (EVANS; GREEN, 2006: 17, 18). Ainda assim, caso o ser inanimado precisasse de destaque, isso seria providenciado via certas preferências sintáticas, morfológicas e lexicais. Tem-se aí uma pista de como a cognição humana trabalha, focalizando alguns elementos do meio circundante aos entes e apagando outros, o que tem repercussões linguísticas imediatas.

Já o caráter social que informa esse paradigma pensa a linguagem como o resultado de uma série de ações coordenadas de atenção partilhada e baseadas na cooperação (TOMASELLO, 1999; HARARI, 2018). Assim, o sentido pertence ao drama da interação, às relações estabelecidas pelos atores envolvidos nessa cena. Ele é situado nessa dinâmica, em que determinados grupos precisam assegurar sua coesão interna por meio da/na linguagem. No entanto, alguns autores já sinalizaram (MOITA LOPES, 2008) que a linguagem tende a ser discursivamente formatada para subsidiar certos grupos hegemônicos, em detrimento de outros, enquadrados pelos primeiros como minoritários. Por intermédio de um jogo de epistemes dominantes/periféricas, esses grupos detentores do(s) discurso(s) hegemônico(s) vão sistematicamente garantindo que seus interesses sejam sempre atendidos.

Dito de outra forma, esse processo de construção de sentido tem pistas linguísticas verificáveis, mas que são forjadas sociocognitivamente. Ao acionar o ferramental teórico-metodológico que a abordagem sociocognitiva disponibiliza, o analista crítico do discurso tem a possibilidade de auscultar algumas vozes sufocadas nesse processo e gerar novas epistemologias, potencialmente mais estáveis e mais justas para um convívio humano ético.

Partindo de tais considerações, o presente artigo pretende analisar a comunicação oficial do governo ucraniano, em especial nas mídias tidas como menos tradicionais, como postagens em redes sociais, memes e entrevistas sobre sua campanha. Ao detectar-se primariamente que o uso dessas mídias gera conflitos de categorização sobre a comunicação (é meme?, é propaganda política?), a pergunta que se faz é: através das pistas linguísticas expressas no nível micro da linguagem, quais estruturas sociocognitivas emergem daí, perfazendo seu nível macro? Também interessa compreender como tais estruturas são reforçadas ou rejeitadas por uma parcela dos interlocutores da conta @Ukraine, em especial os usuários brasileiros.

O artigo encontra-se dividido em 3 partes. Na primeira, busca-se contemplar os pressupostos teórico-metodológicos embutidos tanto no componente “sócio” quanto no “cognitivo” que dão nome ao paradigma aqui adotado. Na segunda, parte-se para uma análise crítica do(s) discurso(s) (doravante ACD) contidos na comunicação do governo ucraniano e de uma parcela de seus interlocutores brasileiros. Por fim, apresentam-se algumas considerações finais suscitadas por essa pesquisa. Vale ainda destacar que a divisão entre o aspecto “sócio” e o “cognitivo” cumpre neste artigo apenas uma função didático-metodológica, uma vez que não se percebe, à luz do paradigma aqui adotado, qualquer separação radical entre essas duas instâncias.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

1.1 O COMPONENTE COGNITIVO

Quando Lakoff e Johnson (2002 [1980]) lançaram as bases da Teoria da Metáfora Conceptual, o que estava sendo posto ali era a preponderância do componente cognitivo para a linguagem. Se alguém diz vou te passar a minha visão sobre o tema (1) ou ainda esse texto viralizou nas redes (2), não se trata simplesmente de expressões metafóricas acionadas para adornar a fala. No primeiro caso, pode-se considerar a emergência da metáfora conceptual comunicação é envio, ao passo que no segundo, de comunicação é contágio. A hipótese desses autores é que nos casos (1) e (2) ocorre a conceptualização da ação de comunicar nos moldes de outras, de naturezas distintas. A partir de semelhanças sociocognitivamente forjadas entre o domínio de comunicação e os de envio/contágio, os mapeamentos metafóricos acionam gestalts experiencias mais simples ou mais próximos da nossa realidade concreta.

Por exemplo, (1) pressupõe que o ato de passar uma informação a alguém pode ser percebido como o ato de enviar um objeto (físico) para outrem. Assim, quem compreende o que seu interlocutor diz captou a mensagem, estando, portanto, de posse dela. Da mesma forma que um mal-entendido representa alguma perturbação desse processo de envio. Por outro lado, uma plataforma digital que contém muitas publicações idênticas do mesmo texto (2) é metaforicamente percebida como infectada por ele. Ou seja, as metáforas do envio e do contágio não são apenas realizações linguísticas, mas formas de conceber a comunicação e de agir nela. Uma vez que a experiência humana de enviar um objeto e a de contagiar-se com alguma doença são mais tangíveis fisicamente do que a experiência de comunicar ideias, elas duas são recrutadas na conceptualização da última.

Sucedem que essas ditas conceptualizações são também perspectivas. Uma característica da metáfora conceptual, como descrevem Lakoff e Johnson (2002 [1980]), é que ela atua iluminando alguns aspectos da experiência e desabilitando outros. Entender a comunicação nos moldes do ato de enviar um objeto deixa de fora algumas características importantes do ato comunicativo. Por exemplo: a prerrogativa da construção conjunta e situada de sentidos. A mensagem não é essencialmente detentora dos sentidos que possa suscitar, justamente porque eles são produzidos durante a ação da linguagem, entre os interlocutores, de modo on-line. Ou seja, a comunicação humana não é uma “transmissão de mensagem telegráfica” (MIRANDA, 2016: 69), embora exista sim esse gênero comunicativo. Tampouco é o meme sempre fruto do consumo passivo e não deliberado de conteúdos circulados nas plataformas digitais. Como ressalta o comunicólogo estadunidense Jenkins (2009, n. p.), existe participatividade por parte dos usuários, que inclusive podem modificar os memes que recebem, produzindo novos. Portanto, ao focalizar o conceito de envio de um objeto ou de contágio (viral) para conceptualizar comunicação, o interlocutor está renunciando a outros, num processo de perspectivação que é ao mesmo tempo altamente cognitivo e também ideológico.

Em artigo sobre dinâmica de forças no discurso da imigração, Hart (2011) descreve por que a Linguística Cognitiva tem ganhado relevância para a Análise Crítica do Discurso. Segundo o autor, havia um vácuo nos estudos sobre comunicação de ideologias, justamente porque eles deixavam de fora processos cognitivos fundamentais realizados por aqueles que interagem com o texto (HART, 2011: 270). Para Hart, é de surpreender que a Linguística Cognitiva, que se ocupa justamente da relação entre as estruturas da linguagem e da cognição, tenha sido percebida tão tardiamente como

modelo teórico-metodológico relevante para a ACD. Acionar esse arcabouço da Linguística Cognitiva significa compreender que a linguagem é essencialmente conceitual e que o conhecimento linguístico não pode ser dissociado do conhecimento não-linguístico (como pretendia a hipótese da modularização da mente, promulgada pelo gerativismo chomskyano). Mas principalmente, significa compreender que o significado é baseado na experiência e que a linguagem serve para perspectivar e construir (“to construe”, em inglês) a experiência (HART, 2011: 270).

Assim, um modelo de pesquisa em ACD que adota o ferramental viabilizado pela Linguística Cognitiva deve buscar os padrões de construção ideológica no texto a partir dos processos de conceptualização que dali emergem. Por ideologia, entende-se neste estudo: “um conjunto explícito ou implícito de ideias e crenças assumidas por um grupo de pessoas, que conduz a uma representação mental do mundo e serve para unir indivíduos em ordem a alguma forma de ação social” (CHATERIS-BLACK, 2011: 22 apud SOARES, 2015: 6). Assim, os aspectos iluminados por uma metáfora conceitual, por exemplo, servem para reforçar a visão de mundo veiculada por um determinado grupo de indivíduos e fundamentar suas ações, o que significa dizer que os aspectos deixados de fora por ela também são convenientes discursiva e ideologicamente.

Como diz Langacker (2008), é quase inevitável usar a metáfora visual para se apreender o conceito de construal. É como se o conteúdo ao qual somos expostos fosse uma cena e o construal, uma forma de visualizá-la. Dessa forma, quando nos deparamos com uma cena, o que vemos de fato depende do que escolhemos olhar ou quais elementos resolvemos dar mais atenção (figura e fundo), o quão de perto analisamos a cena (especificidade x esquematicidade), o nosso ponto focal de observação (perspectiva) etc. (LANGACKER, 2008: 55).

Uma forma de modelar uma pesquisa em ACD, partindo da hipótese sociocognitiva, é compreender esses modos de perspectivação como sistemas de perspectivação, que podem se materializar em diversas formas, quais sejam: via metáfora conceitual, sistema de forças etc. (HART, 2011: 271). Se, do ponto de vista do conceptualizador, essas são diversas formas de se apropriar da realidade circundante, para o pesquisador, cada uma delas constitui uma categoria de análise potencialmente reveladora sobre o fenômeno estudado. Cabe ao pesquisador, diante dos entendimentos que seu levantamento empírico propicia, determinar quais dessas categorias construais melhor explicam os dados encontrados.

1.2 O COMPONENTE SOCIAL

A forma como um fenômeno é nomeado, como vem sendo demonstrado até aqui, não é um processo esvaziado de carga sociopolítica. É preciso compreender qual é a relação do enunciador com o referente nomeado, seu momento histórico, sua perspectiva socioeconômica e ética, seus interlocutores locais/imaginados etc. A linguagem, acessível pelas pistas materiais que ela deixa, transcorre num espaço específico, sendo, portanto, “socioculturalmente situada” e “discursivamente construída” (SOARES, 2015).

A capa da revista alemã Stern (junho de 1971) demonstra isso com bastante perspicuidade. Junto com o relato de 374 mulheres daquele país, dentre as quais, algumas bastante conhecidas nacionalmente, ela traz uma manchete que marcou a história do movimento feminista. O título da matéria estampa na capa “Wir haben abgetrieben!” (em português: Nós abortamos!), trazendo como fundo os retratos de dezenas das declarantes.

O gesto em si, perfeitamente carregado politicamente, não teria o mesmo impacto se outra palavra fosse usada. Conforme analisa Krolzik-Matthei (2019), o movimento feminista resolve adotar esse termo (“Abtreibung”) como estratégia para conter a “perda de neutralidade”⁴ pelo qual o vocábulo passava. Inicialmente, essa palavra constituía a uma maneira corrente de descrever a interrupção desejada de uma gravidez. No entanto, aos poucos “Abtreibung” passa a figurar mais em textos legais e a ser associado com a atuação de médicos charlatões.

Sucedem que na língua alemã da época em que a matéria foi publicada, e também contemporaneamente, há três termos distintos para descrever a interrupção deliberada de uma gestação. No âmbito médico, é comum utilizar-se “Abruptio” ou “induzierter Abort”, que não costumam gerar muita disputa, dado o meio em que aparecem. No uso cotidiano, no entanto, circulam dois termos concorrentes: “Schwangerschaftsabbruch” (i) e “Abtreibung” (ii). Uma análise dos elementos morfológicos que os compõem, assim como do contexto que os forjaram (KROLZIT-MATTHEI, 2019), permite que se cheguem a algumas conclusões pertinentes à análise em ACD numa perspectiva sociocognitiva (Quadro 1).

⁴ Usam-se as aspas visto que a perspectiva aqui adotada (HART, 2011; LANGACKER, 2008; SOARES, 2015) entende que não se pode falar em neutralidade da linguagem, ao menos não de modo absoluto, já que toda expressão linguística evoca uma perspectivação específica.

Termo	Elementos morfológicos	Saliência sociocognitiva
<i>Schwangerschaftsabbruch</i> (i)	De <i>Schwangerschaft</i> (=gravidez) + <i>abbrechen</i> (= i n t e r r o m p e r , descontinuar)	Destaca o processo, que potencialmente culmina ou em manutenção ou em descontinuidade.
<i>Abtreibung</i> (ii)	De <i>abtreiben</i> (=desviar, extraviar)	Caracteriza a alteração de uma rota desejada/esperada.

Quadro 1: Schwangerschaftsabbruch X Abtreibung

Ora, uma análise da Quadro 1 acima explica a “defesa” das feministas pelo termo (ii). Ele tem potencial negativo, uma vez que focaliza uma rota desviada, um descaminho. Ou seja, é como se a prática do aborto deliberado fosse o encaminhamento equivocado de uma trajetória, saliência não verificada em (i). Foi preciso, e ainda é, que os movimentos de ideologia pró-escolha encampem o termo (ii), tragam-no para seu escopo discursivo, uma vez que ele propicia as perspectivas de crime/falha moral/aberração religiosa. Dito de outra forma, ele discursivamente restringe o direito à decisão pelo aborto por parte da mulher grávida, pois focaliza a escolha como a alteração de uma normalidade. Na Alemanha de 1971, recrutar o termo (ii) era um movimento oportuno, considerando que a pauta da proibição absoluta do aborto, sob qualquer condição, tornava-se uma realidade legal à época. Para manter a integridade do grupo de ideologia escolha, “Abtreibung” precisava estar devidamente “controlado”, sob o risco e a pena de os sectários da ideologia pró-vida obterem o domínio dessa arena terminológica.

Percebe-se que, no grupo de exemplos acima, a análise concentra-se em quais valores o recorte lexical duma certa palavra propicia. Fala-se, assim, de quais categorizações (positivas, negativas) ele permite para as diversas manifestações linguísticas da palavra aborto em língua alemã. Conforme já discutido, o delineamento de cada palavra encaminha-a para um certo potencial ideológico.

Importa destacar, no entanto, que o nível de observação/análise pode abranger um outro, menos lexical e mais metafórico, por assim dizer. É o que propôs Chateris-Black (2009: 97), ao analisar a retórica de alguns líderes

políticos e sua indissociabilidade do intuito persuasivo. Como coloca o autor (CHATERIS-BLACK, 2009: 99), há muito a ser preservado do modelo aristotélico da retórica. O apelo à audiência é alcançado por meio do argumento razoável (logos), do despertar de sentimentos (pathos) e de uma postura moralmente proba (ethos). Todavia, Chateris-Black (2009) propõe uma atualização desse modelo em sua perspectiva mais clássica.

Ocorre que a visão aristotélica da retórica se baseava numa noção de indivíduos livres escolhendo líderes a partir de um uso transparente da linguagem. O que as tendências contemporâneas demonstram é que, na verdade, a metáfora ocupa um lugar central no processo de persuasão. Um bom retórico precisa saber propagar ideias, crenças e valores que, sendo importantes para manter um certo grupo coeso, passam a ser percebidas como bons para o todo.

Uma visão de mundo (ideologia) é assim transmitida de modo consciente, atingindo instâncias psicológicas/emocionais do público. A comunicação da ideologia, que ocorre de modo mais racional, está, portanto, relacionada ao tipo de embasamento permitido pelo logos. Por outro lado, ele precisa também de narrativas (mito) que expliquem qualquer coisa que um determinado povo esteja se perguntado num dado momento histórico, desde a origem de catástrofes globais como pandemias, guerras, crises econômicas, até indagações menos aflitivas, como a existência de vida alienígena no universo. O tempo cíclico do mito permite que certas noções sejam reforçadas e sua alegoricidade se comunica com um grupo de crenças e valores apenas parcialmente conscientes. Por isso o mito está relacionado ao pathos. Assim, para Chateris-Black (2009: 103), a metáfora é a perfeita reunião entre logos e pathos, ideologia e mito, visto ser um atributo do raciocínio imaginativo ou da imaginação racional (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Tanto o governo ucraniano e sua equipe de comunicação em 2022, quanto as feministas de ideologia pró-escolha da Alemanha de 1971, representam grupos que carecem de um reforço linguístico-discursivo para manterem-se unidos como tais. Os dois estão eivados de ideias, valores e crenças que funcionam como amálgama para os indivíduos que os compõem. Existe também uma ameaça percebida (bode expiatório): para os ucranianos, a Rússia; para as alemãs, os sectários da ideologia pró-vida e a nova lei (Estado). No caso das alemãs, o distanciamento histórico permite que percebamos hoje quais são os valores contra os quais elas estavam lutando, a saber, o patriarcado e sua intromissão em pautas legais e estatais. No caso

ucraniano, ainda estamos construindo essa epistemologia. É sobre isso que o presente artigo irá se debruçar nas próximas páginas.

2 DISCUSSÃO DOS DADOS

2.1 METÁFORA, MESCLA, MORALIDADE E HUMOR

Em entrevista ao The Washington Post (doravante TWP), intitulada “Ukraine’s showdown with Russia plays out one meme at a time” (em português: Confronto da Ucrânia com a Rússia lança um meme de cada vez) (KHURSHUDYAN, 2022), a equipe de comunicação do governo ucraniano explica o motivo pelo qual resolveu usar memes para fazer face ao conflito vivido com seu país vizinho. Abaixo encontram-se dois trechos da entrevista (tradução minha⁵), com destaque para algumas palavras e expressões relevantes para a presente análise (Quadro 2):

“Imagine uma pessoa verdadeiramente boa que passou por muitas dificuldades no passado, conseguiu superar as adversidades e desenvolveu, como consequência, um tipo muito especial de humor, atrevido e meio sombrio. Essa é a Ucrânia.” (trecho 1)

“Nós rimos diante das ameaças não porque nós a subestimamos, mas porque o que mais deveríamos fazer? Deitar e chorar? Lágrimas nunca trouxeram liberdade para ninguém.” (trecho 2)

Quadro 2: Administradores da @Ukraine no Twitter falam ao TWP.

Já em entrevista ao The Atlantic (APPLEBAUM; GOLDBERG, 2022), o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky dá seu parecer a respeito do uso do humor na campanha contra a Rússia (Quadro 3, tradução minha⁶):

⁵ No original: “Imagine a truly good person who’s been [through] a lot in the past, managed to overcome hardships and developed this very special type of sassy and darkish humor as a byproduct.” / “We laugh in the face of threats not because we underestimate them, but because what else should we do? Laydown and cry? Tears have never won anyone freedom”.

⁶ Em inglês: “Jesters were allowed to tell the truth in ancient kingdoms. Comedy remains ‘a powerful weapon’ because it is accessible. Complex mechanisms and political formulations are difficult for humans to grasp. But through humor, it’s easy; it’s a shortcut.”

“Aos bobos da corte era dada a permissão de falar a verdade nos reinos antigos” / “a comédia continua sendo uma arma poderosa porque é acessível. Mecanismos complexos e formulações políticas são difíceis para a compreensão humana. Mas através do humor fica fácil; é um atalho.”
(trecho 3)

Quadro 3: Zelensky fala ao The Atlantic.

O que se percebe no trecho 1 acima é a fabricação metafórico-ideológica da Ucrânia nos moldes de uma pessoa que já passou por muitas dificuldades em sua vida (historiograficamente falando, pode-se falar dos conflitos disputados junto à Rússia em momentos históricos pregressos). A partir dessas experiências, tal entidade que é a ucrânia percebeu que o humor é uma forma eficaz de lidar com situações adversas. O governo ucraniano está buscando categorizar humor como algo positivo, signo e resultado (daí “como consequência” – trecho 1) dessa experiência adquirida. O humor é característico de pessoas amadurecidas que não menosprezam a realidade que vivem (trecho 2), pelo contrário, elas comunicam as verdades pertinentes a essa realidade (trecho 3). O humor também permite que um determinado povo alcance a liberdade (trecho 2) e a própria compreensão de sua história (trecho 3). Do ponto de vista do ethos, o humor pode assegurar o bem-estar (liberdade, compreensão) àqueles que se valem dele. Destarte, ucrânia, experiência e humor (bom) são três instâncias cognitivo-discursivas indissociáveis para a construção de uma perspectiva laudatória à atuação do governo nos quesitos comunicação e enfrentamento do conflito com a Rússia.

No entanto, um outro construal para humor disponível em nosso arcabouço sociocultural busca perspectivá-lo meramente como um deboche, não-sério, às vezes resultante de uma avaliação frágil e leviana da situação perigosa em que alguém se encontra. Nesses moldes, o humor tem um valor negativo, associado à irresponsabilidade. Se o governo da Ucrânia perspectivasse humor assim, como uma piada imprudente, estaria reforçando uma narrativa de leviandade e pouco engajamento com as atuais questões geopolíticas do país.

Como afirmam Lakoff e Johnson (1999), os ideais morais que buscamos (justiça, liberdade, virtude, tolerância, compaixão e direitos) partem de modo geral de uma busca por bem-estar. Ao estudar a moralidade, esses autores propõem sua divisão em várias submetáforas, por exemplo moralidade é cuidado. Essa metáfora mapeia elementos de necessidade de proteção e de

obrigação moral, o que costuma figurar com frequência na fala política. Trazendo essa categoria de análise para o corpus aqui estudado, mal avaliar o potencial de perigo que uma situação apresenta significa pôr em risco o bem-estar dos afetados. Também perspectivar humor por um viés de falta de experiência/sobriedade seria especialmente prejudicial a essa visualização da moralidade como cuidado. Como um governo pode proteger sua população se não consegue avaliar eficazmente os perigos aos quais ela está exposta e apenas ri de suas mazelas?

A modelagem teórica até aqui apresentada, apoiando-se em metáforas conceptuais, categorização e os casos das metáforas da moralidade, indica os motivos que levam o governo a não categorizar os materiais que posta como meme, visto que esse fenômeno costuma ser percebido como um mau exemplo de humor. É o que se observa ao analisar alguns comentários e tuítes escritos sobre o assunto por usuários brasileiros dessa rede social (Quadro 4). Como pode ser visto, os comentários estão organizados em thread, ou seja, uma espécie de conversa digital em corrente, conforme explicitado anteriormente.

F01	I n ê s , 24/02/2022	“Nossa geração [es]tá tendo contato com <u>propaganda de guerra</u> pela primeira vez e [es]tão chamando de MEME.”
F02	M a n u e l , 24/02/2022 (em resposta a Inês)	“Imagina se nossos tweets aparecem [e]m livros de história contando como a geração [que] <u>não levou a sério...</u> ”
F03	I n ê s , 25/02/2022 (em resposta a u m a i n d a g a ç ã o feita a ela)	“Mas isso daí vai aparecer nos livros de história é um bglh* <u>importante.</u> ” *bagulho

F04	A m a n d a , 25/02/2022 (em resposta a Inês)	“Imagina que nos livros de história vão falar que enquanto isso [es]tava rolando tinha BR* perguntando como afetava o Grêmio. Isso vai <u>confundir a cabeça de todo estudante</u> de ensino fundamental e vão perguntar pq que todo mundo era gremista na época” *brasileiro
-----	--	--

Quadro 4: Tuítes de brasileiros em reação às postagens de @Ukraine.

O quadro 4 explicita com seus tuítes como a perspectivação via memedaria ao material postado por @Ukraine um ar de pouca seriedade (F02: “como a geração não levou a sério”) e como não faria jus ao momento histórico em que emerge. Esses materiais serão potencialmente reproduzidos em livros de história no futuro (F03, F04) e a apresentação em forma de meme pode emprestar um ar de desleixo (F03) ou mesmo de confusão (F04). Existe aqui, além disso, um certo peso geracional que esses usuários brasileiros contemporâneos das plataformas digitais não querem carregar, o que força alguns a querer perspectivar os materiais de @Ukraine como propaganda política (F01). De fato, esses conteúdos podem ser assim categorizados, uma vez que legitimam as ações do Governo na guerra. Todavia, é inegável que eles também são memes.

Ao analisar as matérias do TWP e do The Atlantic, percebe-se, pois, que os porta-vozes do governo ucraniano estão buscando uma terceira categoria, que abarque o senso de humor amadurecido do meme e o poder de combate que o humor tem (exemplo: “a comédia continua sendo uma arma poderosa porque é acessível” - trecho 3). A essa altura da investigação, não é possível ignorar o fato de que o presidente Zelensky tem carreira pregressa na atuação dramaturgica e, em especial, na comédia. É compreensível que um governo por ele liderado recrute a comédia como um valor. Também não é possível ignorar o fato de que o governo russo tem feito uma campanha online que tende a confundir os usuários das redes sobre o que de fato está ocorrendo entre os dois países. Na entrevista para o The Atlantic, pergunta-se a Zelensky: “o Putin tem medo do humor?” Sua resposta é categórica: “Bastante!” Ou seja, em outras palavras, o humor é conceptualizado como algo que inspira medo, que tem um potencial ofensivo considerável. Putin não parece estar tão confortável com o humor quanto Zelensky está, o que configura uma vantagem estratégica/bélica.

O uso do humor tem resultados mais tangíveis do que uma esfera de influência psicológica sobre os seus potenciais consumidores. Como é dito no

TWP, toda vez que um veículo de imprensa noticia um meme oficial do @Ukraine, texto essencialmente compacto e às vezes exigente de um contexto, é preciso fazer um levantamento dos fatores políticos e históricos que o motivaram. Por exemplo, não é sempre transparente o sentido da relação entre Hitler e Putin na Figura 1. Quando algum jornal publica essa imagem, ela precisa ser minimamente explicada. Destarte, o governo ucraniano tem seu discurso fortalecido, ou pelo menos essa é a estratégia pretendida. Isso faria frente à campanha de desinformação encetada pelo governo russo e atrairia atenção internacional à causa ucraniana.

Partindo da hipótese de que a equipe de Zelensky procura estabelecer um sentido novo para a comunicação que produz, a mescla conceptual parece ser um sistema de construal bastante pertinente a essa análise. Como afirma Ferrari (2020: 120, 121), “a mesclagem conceptual é uma operação mental que pode ser considerada a origem da nossa aptidão para inventar novos sentidos.” Essas suposições ganham configuração mais explícita quando se leva em conta o que foi afirmado pela equipe ucraniana para o TWP (tradução minha⁷):

“Nós podemos não ter mísseis nucleares, mas nós temos memes. A verdade é que o humor tem um poder enorme, especialmente quando se enfrenta um violento (...) regime autoritário que é o russo.” (trecho 4)

Quadro 5: humor é arma

Nessas passagens, emerge a metáfora conceptual humor é arma, evidenciada pelos itens lexicais “poder”, “mísseis nucleares”, “se enfrenta” acima, ou “arma poderosa” (trecho 3), “confronto” (título do TWP). A partir desse corpus e da modelagem permitida pela mescla, é possível construir um banco de analogias e desanalogias entre o input 1 (propaganda política) e o input 2 (meme). Observe a Quadro 6:

⁷ Tradução de: “We may not have nukes, but we have memes. The truth is that humor has an enormous power, especially when facing a brutal (...) authoritarian regime like Russia”

Analogias entre <i>inputs</i> 1 e 2	Desanalogias entre <i>inputs</i> 1 e 2
<ul style="list-style-type: none"> - Materializam-se em forma de texto, imagens ou multimodal-mente; - Atendem às necessidades discursivas de um determinado grupo social; - Valem-se do humor para atingir seus objetivos ideológicos; - Fazem emergir a metáfora HUMOR É ARMA, que sanciona a perspectivação dos dois <i>inputs</i> como ESTRATÉGIA DE GUERRA e da moralidade dessas ações (foco no bem comum); - Alto poder persuasivo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Goza de prestígio sociocultural (<i>input</i> 1) X Carece desse prestígio (<i>input</i> 2); - Instrumentaliza o humor de modo direcionado (<i>input</i> 1) X Instrumentaliza o humor de modo errático (<i>input</i> 2); - Autoria mais rastreável/confiável (<i>input</i> 1) X Autoria menos rastreável/confiável (<i>input</i> 2); - Tecnicamente inviável em outros momentos históricos / grande alcance via plataformas digitais (<i>input</i> 2).

Quadro 6: Analogias e desanalogias entre *inputs* 1 e 2.

Portanto, a mescla explica inclusive a tentativa do governo ucraniano de trazer um novo termo/conceito para suas postagens: “security memorandum” (entrevista ao TWP), que se coloca conceptualmente no entrelugar de propaganda política e meme. Com o termo, fica reafirmado o compromisso de proteger a população ucraniana (“security”), sem renunciar ao senso de humor (“meme”) nem à seriedade das ações políticas (“memorandum”). Tal perspectivação da comunicação oficial parece ativar a ideologia de que ações políticas não precisam parecer sérias, desde que seus intuitos o sejam. Ou seja, desde que estejam moralmente alinhadas com o bem-estar da população que representa e, nesse caso, por se tratar de um item comunicativo, que sejam persuasivamente bem competentes. Inclusive porque não é possível negar, contemporaneamente, o potencial de espalhamento de informação de que gozam as plataformas digitais.

2.2 HUMOR: EXPEDIENTE PERSUASIVO-COGNITIVO

Os dados gerados por essa pesquisa permitem ainda uma consideração que está na base da Linguística Cognitiva, seja ela perspectivada como ciência plural que é, seja ela observada a partir do seu potencial como ferramental teórico-metodológico para áreas afins. Essa reflexão surge da fala de Zelensky (trecho 3). Os desenvolvimentos geopolíticos que provocam

conflitos entre países não costumam ser assunto de fácil apreensão. Eles implicam uma complexidade cuja compreensão mais acurada depende de experiências específicas. Como categorizar um fenômeno como guerra se o categorizador carece de experiências nesse campo? Além disso, ainda que se tenha chegado a um consenso cognitivo-terminológico sobre o fenômeno percebido, compreender as motivações dos países envolvidos direta ou indiretamente em um conflito constitui uma tarefa árdua. É preciso distanciamento histórico para que todos esses processos sejam mais bem delineados.

Para Zelensky, o humor é um atalho para esse delineamento. Usando os termos da Linguística Cognitiva, é uma forma de conceptualizar algo percebido como mais complexo nos moldes de algo mais simples. Essa é a própria definição de metáfora conceptual dada por Lakoff e Johnson (2002 [1980]). Assim, estamos propondo aqui que o humor não é só uma forma de fazer frente aos ataques inimigos (metaforicamente percebido como arma, segundo a análise da seção anterior). Ele não é apenas produto ou exemplo de uma metáfora conceptual específica. Ele se compara com o potencial cognitivo de uma metáfora conceptual. Ele pode ser a amálgama principal de uma narrativa (mito) ou pode ser uma ferramenta estilística para alcançar o engajamento emocional (pathos) de um determinado público. Inclusive ele pode ser conscientemente percebido como uma ferramenta, servindo aos propósitos de uma dada ideologia.

Como comenta Kátia (F05, em 24/02/2022) no Twitter, “para muitos americanos, a guerra é algo abstrato, incomensurável. Você nunca viu uma cidade destruída. (...). É tão surreal que talvez você possa acionar uma piada por puro desconforto.”⁸ Essa frase demonstra o potencial emocional do humor, que tanto pode ter um valor positivo (de compreensão), como negativo (de desconforto). Isso não só demonstra seu valor moralmente ambivalente, já levantado nesse artigo, como reafirma seu caráter central na própria perspectivação da experiência. Assim, pode-se afirmar que o humor encontra representação privilegiada na relação triádica entre cognição, linguagem e sociedade. Tome-se como exemplo a Figura 1. O humor caracteriza o momento sócio-histórico vivido por aquela sociedade (no caso, a identificação das ações de Putin com os ideais nazistas); ele também está imbricado simbolicamente na linguagem (no exemplo da Figura 1, ele emerge semioticamente de modo imagético). Mas também ele sintetiza a forma com um grupo de pessoas visualiza a realidade (expediente cognitivo),

⁸ Originalmente: “To a lot of Americans, war is abstract, unfathomable. You’ve never seen a city in pieces. (...) It’s so surreal that perhaps you reach for a joke out of discomfort.”

ou quer que a realidade seja sistematicamente visualizada por outrem (expediente persuasivo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso político ocupa um espaço intermediário entre linguagem e ação. Ele também não pode ser considerado longe do contexto em que emerge nem esvaziado dos mecanismos semióticos que o compõem. Essas prerrogativas explicam do que é feito o discurso político e qual tipo de resposta ele busca causar.

Como esclarece Chateris-Black (2009: 101), sua base pode se constituir de vários tipos de mídias, como fotografias, roupas, charges, pôsteres e até pequenos filmes. É justamente por conta dessa riqueza semiótica que a categoria meme pode se avizinhar conceptualmente do discurso político. Prototipicamente, o meme contém uma imagem marcante que sintetiza ideias e os espaços mentais descomprimem as informações, contextos, metáforas, ideias contidas no discurso sintetizado. Isso tende a facilitar sua veiculação. O discurso político, especialmente quando materializado de forma imagética, tende a carecer também desse expediente sintetizador para encontrar boa propagação entre seus interlocutores. Assim, um meme e uma propaganda política persuasivamente eficazes tendem a compartilhar o mesmo conjunto de características.

Como essas características serão percebidas, discernidas ou assemelhadas, dependerá de uma série de fatores de âmbito cognitivo, linguístico e cultural. Como já observado aqui, a régua histórica desempenha um papel importante nesse processo. A iminência de catástrofes globais, como uma eventual guerra mundial, pode acirrar categorizações específicas da comunicação política. Diversas categorias podem ser recrutadas para perspectivar o discurso político, como o humor, que integra a comunicação política ucraniana de modo robusto tanto por parte do Governo, quanto de seus interlocutores globais. Do ponto de vista do Governo, no entanto, a comunicação sobre a comunicação precisa focalizar categorias de modo moralmente orientado.

REFERÊNCIAS

APPLEBAUM, A; GOLDBERG, J. Liberation without victory. **The Atlantic**, 2022. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/international/archive/2022/04/zelensky-kyiv-russia-war-ukrainian-survival-interview/629570/>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

CHATERIS-BLACK, J. Metaphor and Political Communication. In: MUSOLFF e ZINKEN (org.) **Metaphor and Discourse**. Basingstoke: Palgrave, 2009. p. 97–115.

CHATERIS-BLACK, J. Politicians and Rhetoric. The Persuasive Power of Metaphor. 2ª edição. Basingstoke: Palgrave, 2011 apud SOARES, A. Metáfora conceptual e ideologia: o caso do discurso das políticas de austeridade na imprensa portuguesa. **Revista Investigações**, v. 28, n. 2, 2015.

EVANS, V; GREEN, M. What does it mean to know a language? In: _____. **Cognitive Linguistics**: An Introduction. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006. p. 5-26.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. 1ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

HARARI, Y. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&M Pocket, 2018.

HART, C. Force-interactive patterns in immigration discourse: A Cognitive Linguistic approach to CDA. **Discourse & Society**, v. 22, n. 3, p. 269–286, abr. 2011.

JANICKI, K. Meaning and definitions misconceived. In: _____. **Language misconceived**: arguing for applied cognitive sociolinguistics. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc, 2006. p. 3–10.

JENKINS, H. **If it doesn't spread, it's dead (Part One)**: Media Viruses and Memes. 2009. Disponível em: < http://henryjenkins.org/blog/2009/02/if_it_doesnt_spread_its_dead_p.html>. Acesso em: 15 abr. 2022.

JOHNSON, M. The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason. Chicago: Chicago University Press, 1987 apud SALIÉS, T. Linguística Cognitiva Aplicada: o que é? In: _____. (org.) **Linguística cognitiva aplicada**: contextos profissionais e pedagógicos. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020. p. 7–23.

KROLZIK-MATTHEI, K. **Abtreibungen in der Debatte in Deutschland und Europa**. 2019. Disponível em: <https://www.bpb.de/shop/zeitschriften/apuz/290793/abtreibungen-in-der-debatte-in-deutschland-und-europa/>. Acesso em: 16 abr. 2022.

KHURSHUDYAN, I. Ukraine's showdown with Russia plays out one meme at a time. **The Washington Post**, 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2022/01/26/ukraine-russia-memes-social/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**: The embodied mind and its challenge to western thought. Nova Iorque: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].

LAKOFF, G. Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind. Chicago: Chicago University Press, 1987 apud SALIÉS, T. *Linguística Cognitiva Aplicada: o que é?* In: _____. (Org.) **Linguística cognitiva aplicada**: contextos profissionais e pedagógicos. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020. p. 7–23.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**: A Basic Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MIRANDA, N. S. O caráter partilhado da construção da significação. **Veredas**, revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 57–81, jul. 2016.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: _____. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 103–125.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L.P. (Ed.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 85–102.

PLATÃO. **Teeteto e Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Pará: Editora da UFPA, 2001.

SOARES, A. Metáfora conceptual e ideologia: o caso do discurso das políticas de austeridade na imprensa portuguesa. **Revista Investigações**, v. 28, n. 2, 2015. p. 1-38.

TOMASELLO, M. **The Cultural Origins of Human Cognition**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

VIGOTSKI, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.